

La obra de José Saramago como reflexión en torno al concepto de ciudadanía

The work of José Saramago as a reflexion about the concept of citizenship

Diego J. González Martín

Doctor en Ciencias Sociales y de la Educación con mención internacional por la Universidad de Huelva, con una tesis sobre El concepto de ciudadanía en la obra de José Saramago. Promotor del Aula Saramago cuya finalidad es divulgar la obra y el pensamiento del Nobel portugués y de los Encuentros Ibéricos de Lectores y Lectoras de José Saramago. Autor del libro Viaje al sur de Portugal basado en el Viaje a Portugal de José Saramago y de diversos artículos sobre José Saramago entre los que destacan El concepto de ciudadanía en el teatro de José Saramago; Ciudadanía en la obra de José Saramago. Una reflexión a partir de los valores presentes en Ensaio sobre a Cegueira y El deber ciudadano en José Saramago. Una reflexión a partir del discurso pronunciado durante el banquete de recepción del prêmio Nobel. Email: diegomesa4@hotmail.com

Resumo

Este artigo foi construído com base na Tese de Doutoramento do autor - "El concepto de ciudadanía en la obra de José Saramago"... A obra de José Saramago contém, na nossa opinião, múltiplos aspectos que podem ser estudados e analisados na perspectiva de um conceito de cidadania. O presente artigo pretende demonstrar que é possível utilizar a obra narrativa de José Saramago, como recurso pedagógico nessa perspectiva.

Palavras-Chave

Cidadania, Narrador, Personagens Saramagianas, Justiça, Solidariedade, Responsabilidade

Abstract

This article is based in part on the doctoral thesis "The concept of citizenship in the work of José Saramago" ... The work of José Saramago contains, in our opinion, multiple aspects that can be studied or analyzed from the perspective of citizenship. This article aims to show the usefulness of his narrative work as a pedagogical resource from this perspective.

Keywords

Citizenship, Narrator, Saramaguian Characters, Justice, Solidarity, Responsibility

“O leitor não lê o romance lê o romancista”. Esta afirmación de José Saramago revela, en nuestra opinión, el carácter de responsabilidad e intervención cívica presente en el conjunto de la obra de ficción de este autor quien nos dice que “no momento de escrever estou expresando a totalidade da pessoa que sou.” (SARAMAGO, 2012, p.233) Para Saramago es importante que los lectores sepan quién es el autor de la novela, quién está detrás del libro, porque ello ayuda a entender lo que este ha querido decir, las cuestiones que ha querido plantear. “Eu sou aquele que faz o romance. E quero que isso se veja e se saiba. Foi isso que me levo a dizer já que provavelmente o leitor não lê o romance, o leitor lê o romancista.” (REIS, 2015, p.101-102) Es el complemento necesario a la obra de no ficción, aquella en la que el autor se muestra a cara descubierta sin la intervención de la figura del narrador, para entender el pensamiento del autor en su conjunto.

El autor interactúa con los personajes de sus novelas a través de la figura del narrador, dialoga con ellos e intercambia opiniones, de tal manera que podemos entender las líneas que conforman su pensamiento. Así lo manifiesta en el discurso *De como a personagem foi mestre*

e o autor seu aprendiz, pronunciado durante la entrega del Premio Nobel de Literatura.

Creio que, sem elas não seria a pessoa que hoje sou, sem elas talvez a minha vida não tivesse logrado ser mais do que um esboço impreciso, uma promessa como tantas outras que de promessa não conseguiram passar, a existência de alguém que talvez pudesse ter sido e afinal não tinha chegado a ser. (SARAMAGO, 2013, p.76)

Por tanto será la figura del narrador y su relación con el resto de los personajes de sus novelas, la que nos servirá de guía para elaborar un perfil del pensamiento saramaguiano que pueda servir de referencia pedagógica en relación al concepto de ciudadanía esbozado por este autor.

El narrador como personaje en la obra de Saramago

La afirmación que abre nuestro artículo de que el lector no lee la novela sino que busca en ella al autor de la misma es fruto de una larga y meditada reflexión que fue madurando a lo largo de los años tal y como podemos deducir de las palabras del propio Saramago, “li a minha conferência - *Entre o narrador omnisciente e o monólogo interior: será necessário regressar ao autor?* – desenvolvimento de um ensaio que há tempos publiquei na revista francesa *Quai Voltaire*” (SARAMAGO, 1999a, p.176), conferencia desarrollada en el marco del XIV Congreso de la Asociación Internacional de Literatura Comparada celebrado en Edmonton (Canadá) en agosto de 1994.

Porque para Saramago el autor es el verdadero protagonista de la novela y la manera de hacer visible esa presencia es mediante la figura del narrador. “Pergunto-me se o que move ao leitor à leitura não será a secreta esperança ou a simples possibilidade de vir a descobrir, dentro do livro, mais do que a história contada, a pessoa invisível, mas omnipresente, que é o autor”. (*Ibidem*, 1999a, p.60)

Un autor que se manifiesta a través de la figura del narrador, que se expresa como un personaje mas de la trama de la novela y que puede llegar a manipular “a percepção dos acontecimentos narrados graças aos seus comentários” (SANTOS, 2000, p.143). En su novela *História do Cerco de Lisboa*, encontramos un ejemplo en el que el narrador participa expresando su opinión:

Não o tem descrito assim o historiador no seu livro. Apenas que o muezim subiu ao minarete e dali convocou os fiéis à oração na mesquita, sem rigores de ocasião, se era de manhã ou meio-dia, ou se estava a pôr-se o sol, porque certamente, em sua opinião, o miúdo pormenor não interessaria à história, somente que ficasse o leitor sabendo que o autor conhecia das coisas daquele tempo o suficiente para fazer delas responsável menção. E **isto** lhe deveríamos agradecer porque o seu tema, sendo de guerra e de cerco, portanto de virilidades superiores, dispensaria bem as deliquescências da prece, que é de todas as situações a mais sujeita, pois nela se prontifica o rezador sem luta, rendido por uma vez. Ainda que, para que não quede sem exame e consideração o que esteja em contrário destas oposições entre oração e guerra, aqui se pudesse recordar já, estando tão próximo o tempo e sendo tantas e tão preclaras as testemunhas ainda vivas, aqui se pudesse recordar, tornamos a dizer, aquele milagre de Ourique, celeberrimo, quando Cristo apareceu ao rei português e este lhe gritou, enquanto o exército prostrado no chão oraba, Aos infiéis, Senhor, aos infiéis, e não a mim que creio o que podeis, mas Cristo não quis aparecer aos mouros, e foi pena, que em vez da crudelíssima batalha poderíamos, hoje, registar nestes anais a

conversão maravilhosa dos cento cinquenta mil bárbaros que afinal ali perderam a vida, um desperdício de almas de bradar aos céus. (SARAMAGO, 2014, p.19-20)

Como podemos observar el narrador, en este caso, no se limita a describir una situación o un hecho concreto, sino que, con su intervención se convierte en parte activa de la trama.

Ao longo da leitura sentimos na fala do narrador uma estranha vontade de ser visto e sobretudo (re)conhecido, marca inconfundível da intenção do autor de se inscrever no texto, inserindo comentários que funcionam como elos de ligação entre vários momentos da obra e que não passam despercebidos a um leitor atento. (CARRIÇO, 1999, p.384)

O narrador saramaguiano assume sempre o papel do escritor –é o olhar que observa, a voz que fala, a mão que escreve. (...) Por si só, esta particularidade não constitui inovação; a sensação de estranheza nasce do facto de tais narrações secundárias terem as mesmas características formais (estrutura da frase, utilização das vírgulas seguidas de maiúsculas em vez de ponto final), o mesmo tom irónico e sentencioso da narração de primeiro nível. Isto permite-nos inferir, com alguma propriedade, que estamos perante o desdobramento de uma mesma personagem, o autor-narrador... (*Ibidem*, 1999, p.384-385)

Y este desdoblamiento aparece por primera vez en su novela *Levantado do Chão*, al recurrir a una narración que contiene ecos de oralidad, de las historias que se transmitían oralmente. En 1979 Saramago se traslada a Lavre, perteneciente al concelho de Montemor-o-Novo, con la intención de documentarse para la novela que pensaba escribir sobre la vida de las gentes del campo, tal y como él la había conocido de sus abuelos maternos en su Azinhaga natal. Durante el tiempo que permaneció en el Alentejo se entrevistó y convivió con trabajadores y trabajadoras agrícolas que le fueron contando sus vivencias e historias, muchas de las cuales fueron incorporadas posteriormente a las páginas del libro. Un libro que supuso el punto de partida en el estilo inconfundible de este autor al incorporar al narrador como un personaje mas de la trama, que participa activamente en la misma aportando comentarios y puntos de vista, tal y como acontece en la tradición oral y cuyo origen el propio Saramago lo asocia a las historias que le fueron contadas. “Creo que fue el hecho de estar contando las historias que me habían sido contadas, como si estuviese contándoselas a quien me las contó, lo que hizo que la narración adquiriese esa especie de expansión oral.” (GOMEZ, 2010a, p.112)

En el *Caderno de Lanzarote. Diário II* encontramos una entrada en la que expone, con detalle, las características de ese su “estilo”:

Todas as características da minha técnica narrativa actual (eu preferiria dizer: do meu estilo) provêm de um princípio básico segundo o qual todo o *dito* se destina a ser *ouvido*. Quero com isto significar que é como narrador oral que me vejo quando escrevo e que as palavras são por mim escritas tanto para serem lidas como para serem ouvidas. Ora, o narrador oral não usa pontuação, fala como se estivesse a compor música e usa os mesmos elementos que o músico: sons e pausas, altos e baixos, uns, breves ou longas, outras. Certas tendências, que reconheço e confirmo (estruturas barrocas, oratória circular, simetria de elementos), suponho que me vêm de uma certa ideia de um discurso oral tomado como música. (SARAMAGO, 1999a, p. 49)

Sin embargo, en nuestra opinión, el protagonismo que comienza a asumir la figura del

narrador en la obra de Saramago ya lo podemos vislumbrar en su novela anterior *Manual de Pintura e Caligrafia*, donde el “autor-narrador” asume el papel de protagonista al estar ésta escrita en primera persona, lo que le confiere un marcado carácter autobiográfico a la misma. (GONZÁLEZ, 2020)

Podemos concluir, por tanto, que es el narrador el medio a través del cual Saramago expone su pensamiento, la figura a través de la cual transmite sus preocupaciones cívicas y al que podemos seguir el rastro en cada una de sus obras.

Las preocupaciones cívicas en la obra de Saramago

Ejercer la ciudadanía requiere de una actitud vital de compromiso y responsabilidad, de participación activa en la vida pública, “enquanto cidadãos, todos temos a obrigação de intervir e de envolvermos, é o cidadão o que muda as coisas.”(Apud GÓMEZ, 2010b, p.374) Y para mudar las cosas es necesario saber donde estamos y hacia donde queremos ir.

En este sentido Saramago alertaba de la “muerte” del ciudadano, sustituido por un consumidor compulsivo, egoísta e insolidario. Frente a esta situación Saramago proponía “recolocar o cidadão, um cidadão lúcido e responsável, no lugar que hoje está ocupado pelo animal irracional que responde ao nome de consumidor.” (SARAMAGO, 1999a, p.92)

Pero alcanzar una ciudadanía lúcida y responsable requiere, como ya hemos dicho, saber donde estamos y hacia donde queremos ir. Y Saramago nos muestra algunas de las lacras que, en su opinión, caracteriza hoy en día a la sociedad:

La falta de solidaridad.

Tenemos y mantenemos una relación con lo que está fuera de nosotros, y lo que está fuera no es únicamente la naturaleza, sino que es, sobre todo, el otro, el ser humano, ése a quien llamamos nuestro semejante. La palabra *semejante* aparentemente dice mucho pero al final no está diciendo nada, porque a ese otro en muchísimos casos lo consideramos un enemigo. (SARAMAGO, 2006, p.37)

Intolerante y xenófoba

Auschwitz pertenece a la humanidad doliente, quienes allí murieron eran nuestros semejantes, da igual que fueran judíos, gitanos, homosexuales o comunistas, todos fueron asesinados porque hubo quien se sintió superior y no quiso aceptar al diferente. Ésta es la mayor atrocidad, que haya quién esté dispuesto a asesinar, a eliminar, para imponer su canon, su ley, su norma. (HALPERÍN, 2002, p.90)

Crear en la mentira como verdad.

A grande e decisiva arma é a ignorância. É bom, dizia Sigisberto no seu jantar de aniversário, que eles nada saibam, nem ler, nem escrever, nem contar, nem pensar, que considerem e aceitem que o mundo não pode ser mudado, que este mundo é o único possível, tal como está (SARAMAGO, 1999c, p.72)

La ausencia de compromiso

Não digamos, Amanhã farei, porque o mais certo é estarmos cansados amanhã, digamos antes, Depois de amanhã, sempre teremos um dia de intervalo para mudar de opinião e projecto, porém ainda mais prudente seria dizer, Um dia decidirei quando será o dia de dizer depois de amanhã, e talvez nem seja preciso, se a morte definidora vier antes desobrigar-me do compromisso, que essa, sim, é a pior coisa do mundo, o compromisso, liberdade que a nós próprios negámos. (SARAMAGO, 1985, p.60)

Democráticamente débil

Perguntaram-me pela democracia, e eu respondi-lhes que a democracia, tal como a estamos vivendo, é uma mentirosa falácia, que não se pode falar de democracia quando sabemos que os governos, resultando de actos eleitorais democráticos, logo se tornam em meros mandatários do único poder real e efectivo, que é o das corporações económicas e financeiras transnacionais. (SARAMAGO, 1999b, p.143)

Para revertir esa situación se hace necesario el ejercicio de una ciudadanía lúcida y responsable, tal y como nos señala Saramago, que precisa de un aprendizaje ya que ese ejercicio “não se improvisa nem nasce por geração espontânea”, afirma el narrador en el *Ensaio sobre a Cegueira* (SARAMAGO, 2010a, p.156). Es decir, ser ciudadano implica aceptar una serie de reglas y normas consensuadas por el conjunto de la sociedad sobre la base del respeto y la confianza. “Se não podemos confiar uns nos outros, aonde é que vamos parar” (*Ibidem*:141), “sem preconceitos nem ressentimentos que sempre obscurecem o raciocínio” (*Ibidem*:144). Y esta ciudadanía se organiza en sociedad, lo que conlleva una serie de reglas, como ya hemos señalado. “Temos de organizar, a questão, de facto, é de organização, (...) estabelecer regras consensuadas de convivência...” (*Ídem*) porque para Saramago esto es fundamental para “não perdermos o respeito por nós próprios” (*Ídem*).

Valores, responsabilidad, y compromiso. Algunos aspectos presentes en la obra saramaguiana

Ejercer como ciudadanos libres e iguales implica asumir una serie de reglas o valores que conforman un cuerpo de normas aceptadas por el conjunto de la sociedad para la vida en comunidad y desarrolladas a lo largo de los siglos. Saramago hace referencia de manera transversal en toda su obra a muchos de estos valores.

Para Saramago el uso de la razón se convierte en una cuestión principal, una razón basada en la ética, en el respeto al otro, al diferente, por cuanto sobre ella se sustenta, en su opinión, todo el conjunto de valores que conforman la convivencia.

Yo soy un fanático de la razón humana –porque parece que no hay otra-, aunque me doy cuenta todos los días de adónde nos ha llevado el uso que estamos haciendo de la razón. Ahora, lo que pienso es que ninguna razón puede sustentarse si no parte, si no arranca de un principio: el respeto del otro. Y eso lo tengo clarísimo. Y hay algo que es fruto de la razón, que es la ética, pero si la razón no sirve a la ética, se convierte en un arma destructiva. Creo que, de entrada, tenemos un problema ético: el problema en la ética de la existencia (...) Yo creo que hay que volver a ella. Y no a la ética represiva. No tiene nada que ver con la moral utilitaria, práctica, la moral como instrumento de dominio. No. Es algo más serio que eso: el respeto por el otro. Y eso es una postura ética, y fuera de eso yo no creo que tengamos

alguna salvación. (HALPERIN, 2002, p.55-56)

Saramago apela a la razón como sinónimo de justicia ya que sin ella no es posible que las relaciones humanas sean justas, entre la bondad y la caridad.

Chamemos, então, se quisermos, caridade à mão direita, por ser a mais fácil e a mais comum, à mão esquerda chamemos-lhe bondade, por ser tão rara, mas a justiça que a ambas deverá gerir, é na razão que se há-de encontrar. A relação humana terá de ser obra da razão para que possa ser, conjuntamente, caritativa, bondosa e justa. (SARAMAGO, 1996, p.216)

Y ello es así por cuanto Saramago, a pesar de ser muy crítico con el comportamiento, en general, de la sociedad en su conjunto mantiene una enorme confianza en las posibilidades del ser humano, pero siempre y cuando exista un proyecto de sociedad basado en una serie de principios y valores tales como la “sensibilidade e inteligência, qualidades estas que são, com a bondade, as que mais gosto de encontrar nas pessoas” (SARAMAGO, 1994, p.160).

Junto a los atributos señalados Saramago añade otros que encontramos en una entrada en *O Cuaderno* en la que hace referencia a una crónica publicada en *Deste Mundo e do Outro*, titulada *Receita para matar um homem*: “coragem, inteligência, sensibilidade, carácter, amor da justiça, bondade activa, respeito pelo próximo e pelo distante” (SARAMAGO, 2010b, p.155). Con todos estos atributos Saramago considera que se puede construir una sociedad más justa y solidaria ya que tenemos que ver la justicia como sinónimo de solidaridad. “Quem dá deve dar com as duas mãos para que em nenhuma delas fique o que a outras deveria pertencer”, escribe en *O Caderno*. “E quem não tiver nada para dar, perguntou o ajudante de farmácia, Esse, sim, comerá do que os outros derem, é justo o que alguém disse, de cada um segundo as suas possibilidades, a cada um segundo as suas necessidades” (SARAMAGO, 2010a, p.187). Parecidos términos leemos en *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, “Que devemos fazer, e João respondeu-lhes, Quem tem duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma, e quem mantimentos tiver faça o mesmo, e aos publicanos que cobram os impostos disse-lhes, Não exigais nada que não estiver estabelecido na lei, mas não creiais que a lei é justa só porque lhe chamais lei, e aos soldados que lhe perguntaram, E nós, que devemos fazer, respondeu-lhes, Não exerçais violência sobre ninguém, não denunciéis injustamente e contentai-vos com o vosso soldo” (SARAMAGO, 2008, p.419). También en *A Jangada de Pedra*, “e aqueles a quem veio a acabar-se o dinheiro nem assim passaram fome, onde comia um comiam todos, estamos em tempo de irmãos recomeçados, se é humanamente possível ter sido e voltar a ser” (SARAMAGO, 2010c, p.117).

Porque “não há no mundo nada que em sentido absoluto nos pertença” (SARAMAGO 2010a, p.190). Y este camino de solidaridad y justicia es un camino de no retorno, “Ninguém deveria poder dar menos do que deu alguma vez, não se dão rosas hoje para dar um deserto amanhã, Não haverá deserto, É só uma promessa, não o sabemos, É verdade, não o sabemos”, leemos en este diálogo entre Maria Sara y Raimundo Silva, dos de los protagonistas de *História do Cerco de Lisboa* (SARAMAGO, 2014, p.252).

Assim como a bondade não tem por que se envergonhar de ser bondade, também a justiça não deverá esquecer-se de que é, acima de tudo, restituição de direitos. Todos eles, começando pelo direito elementar de viver dignamente. Se a mim me mandassem dispor por ordem de precedência a caridade, a justiça e a bondade, daria o primeiro lugar à bondade, o segundo à justiça e o terceiro à caridade. Porque a bondade, por si só, já dispensa a justiça e a caridade, porque a justiça justa já contém em si caridade suficiente. A caridade é o que resta quando não há bondade nem justiça. (SARAMAGO, 2009b, p.107-108)

Para Saramago su principal preocupación, tanto como escritor como ciudadano, es el ser humano, un ser humano con sus luces y sus sombras, capaz de lo mejor y de lo peor - “é desta massa que nós somos feitos, metade de indiferença e metade de ruindade” (SARAMAGO, 2010a: 51) - pero que en muchas ocasiones no es consciente de ello. Y el primer paso es tomar conciencia de nuestros actos, de nuestras posibilidades y limitaciones, para avanzar en la consecución de un mundo justo, “o que eu queria era saber porque são estas coisas assim e se vai ser assim até morrermos todos, não há justiça se uns têm tudo e os outros nada” (SARAMAGO, 1999c, p.212), se pregunta uno de los personajes de *Levantado do Chão*.

Y esa necesidad de saber “quem não sabe deve perguntar, ter essa humildade” (SARAMAGO, 2014, p.26), se basa en una cuestión de dignidad. “Há-de o homem esforçar-se sempre, para que esse seu nome de homem mereça” (SARAMAGO, 1985, p. 71) Porque será preguntando como alcanzaremos el conocimiento el cual precisa del esfuerzo que, a su vez, implica asumir retos y compromisos y no eludirlos.

Não digamos, Amanhã farei, porque o mais certo é estarmos cansados amanhã, digamos antes, Depois de amanhã, sempre teremos um dia de intervalo para mudar de opinião e projecto, porém ainda mais prudente seria dizer, Um dia decidirei quando será o dia de dizer depois de amanhã, e talvez nem seja preciso, se a morte definidora vier antes desobrigar-me do compromisso, que essa, sim, é a pior coisa do mundo, o compromisso, liberdade que a nós próprios negámos. (*Ibidem*: 60)

Esta “liberdade que a nós próprios negámos”, en muchas ocasiones por miedo o indiferencia, impide que asumamos los compromisos que como sociedad tenemos. “A liberdade não é mulher que ande pelos caminhos, não se senta numa pedra à espera de que a convidem para jantar ou para dormir na nossa cama o resto da vida” (SARAMAGO, 1999c, 308). Por tanto, se hace necesaria asumir nuestra responsabilidad e ir en busca de la verdad que se nos presenta ante los ojos. “E tu, como queres tu que continue a olhar para estas misérias, tê-las permanentemente diante dos olhos, e não mexer um dedo para ajudar”, le pregunta la mujer del médico al marido del *Ensaio sobre a Cegueira* (SARAMAGO, 2010a, p.178). En la misma línea se expresa uno de los protagonistas de *A Caverna* cuando dice “Não tenho a certeza de nada, salvo que não podemos continuar aqui parados, à espera de que o mundo nos caia em cima” (SARAMAGO, 2001, p.69), o en otro momento de la misma novela cuando, el mismo personaje, afirma “sempre valerá mais arriscar-nos a subir à figueira para tentar alcançar o figo do que deitar-nos à sombra dela a esperar que ele nos caia na boca” (*Ibidem*: 325).

Y uno de los mayores retos a los que nos enfrentamos, es el de la justicia en una sociedad verdaderamente libre como derecho irrenunciable, porque “é sempre boa a liberdade, mesmo quando vamos para o desconhecido”, nos dice el narrador de *A Jangada de Pedra* (SARAMAGO, 2010c, p.326).

A modo de conclusión

La obra de José Saramago contiene elementos suficientes para la reflexión y el debate en torno al ejercicio de la ciudadanía encaminada a crear ciudadanos y ciudadanas responsables. En este sentido él no deja de mostrar su esperanza en el futuro. “acreditar será o seu álibi, Para quê, Para manter a esperança, Qual, A esperança, só a esperança, nada mais, chega-se a um ponto em que não há mais nada senão ela, é então que descobrimos que ainda temos tudo”, le dice Ricardo Reis a Marcenda en un momento de la novela

(SARAMAGO,1985, p.131). Porque será assumindo esa esperanza como motor del cambio que se abrirá la puerta que conduzca a un nuevo modelo de sociedad basado en la justicia y en la solidaridad. Para ello el primer paso será la acción individual porque “é com os actos que respondemos sempre, e também com os actos que perguntamos” (*Ibidem*, p.92). “Perguntou a si mesmo como faria hoje, e não pensou em procurar resposta” (SARAMAGO, 1984, p.81), porque “é hoje que tenho a responsabilidade, não amanhã” (SARAMAGO 2010a, p.326) y ello a pesar de que no sepamos “tudo do que nos espera para além de cada acção nossa.” (SARAMAGO, 2003, p.210)

Será la suma de todas las acciones individuales la que logrará la configuración de un nuevo tipo de sociedad capaz de afrontar todos los restos a los que nos enfrentamos, basada en la solidaridad, en el respeto al diferente dentro del seno del grupo, que suele ser la comunidad más cercana a nosotros. “Sabido como é que nas povoações pequenas, onde todos se conhecem, a solidariedade costuma ser uma palavra menos vã” (Saramago, 2008, p.75). Esa idea de pertenencia a un colectivo o comunidad favorece la cohesión y la solidaridad. “Mas estarem assim juntos ainda era um modo de fortalecer os ânimos, é sabido que as varas começam a partir-se no momento em que se afastam do feixe, tudo o que é quebrável já está quebrado” (SARAMAGO, 2010c, p.282) y, aunque a veces se muestren reticencias, debe ser más fuerte el sentimiento de solidaridad, de acogimiento y de gratitud, en definitivo el que prevalezca. “Ainda bem que vieste ajudar-me, afinal, eu sozinha não poderia,” le agradece la ayuda la mujer del médico al viejo de la venda en el ojo en el *Ensaio sobre a Cegueira* (SARAMAGO, 2010a, p. 366).

Hemos intentado en nuestro artículo esbozar algunas líneas que puedan servir de guía a la hora de utilizar la obra narrativa de José Saramago como herramienta que pueda contribuir a la reflexión en torno al concepto de ciudadanía. “Está na nossa mão decidir”, como le dice a su mujer António Claro, uno de los protagonistas de *O Homem Duplicado* (SARAMAGO, 2003, p.188).

Referências

CARRIÇO VIEIRA, Agripina. **Da História ao indivíduo ou da exceção ao banal na escrita de Saramago em José Saramago: o ano de 1998. Colóquio/Letras, 151/152.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

GÓMEZ AGUILERA, Fernando. **José Saramago. La consistencia de los sueños.** Lanzarote: Fundación César Manrique, 2010a

GÓMEZ AGUILERA, Fernando. **José Saramago nas Suas Palavras. 2ª ed.,** Alfragide: Editorial Caminho, 2010b.

GONZÁLEZ MARTÍN, Diego José. **El concepto de ciudadanía en la obra de José Saramago.** Tesis Doctoral. Huelva: <http://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/18531>, 2020

HALPERÍN, Jorge. **Conversaciones con Saramago. Reflexiones desde Lanzarote.** Barcelona: Icaria editorial, 2002

REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago.** Porto: Porto Editora, 2015

SANTOS JUBILADO, Maria Odete. **Saramago e Sollers: Uma (re)escrita irónica?** Lisboa: Vega Editora, 2000

SARAMAGO, José. **Objecto Quase.** 2ª ed., Lisboa: Editorial Caminho, 1984.

SARAMAGO, José. **O Ano da Morte de Ricardo Reis.** 6ª ed., Lisboa: Editorial Caminho, 1985

- SARAMAGO, José. **Caderno de Lanzarote. Diário I.** Lisboa: Editorial Caminho, 1994
- SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote. Diário III.** Lisboa: Editorial Caminho, 1996
- SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote. Diário II.** 2ª ed., Lisboa: Editorial Caminho, 1999a.
- SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote. Diário V.** 4ª ed., Lisboa: Editorial Caminho, 1999b.
- SARAMAGO, José. **Levantado do Chão.** 14ª ed., Lisboa: Editorial Caminho, 1999c.
- SARAMAGO, José. **A Caverna.** Camarate: Círculo de Leitores, 2001.
- SARAMAGO, José. **O Homem Duplicado.** 2ª ed., Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- SARAMAGO, José. **El nombre y la cosa.** México: Fondo de Cultura Económica, Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey. 2006.
- SARAMAGO, José. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo.** 29ª ed., Lisboa: Editorial Caminho, 2008.
- SARAMAGO, José. **O Caderno.** 2ª ed., Lisboa: Editorial Caminho, 2009.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira.** 18ª ed., Lisboa: Editorial Caminho, 2010a.
- SARAMAGO, José. **Deste Mundo e do Outro.** 8ª ed., Alfragide: Editorial Caminho, 2010b.
- SARAMAGO, José. **A Jangada de Pedra.** 16ª ed., Alfragide: Editorial Caminho, 2010c.
- SARAMAGO, José. **Caderno de Lanzarote. Diário IV.** 5ª ed., Alfragide: Editorial Caminho, 2012.
- SARAMAGO, José. **Da estátua à pedra e discursos de Estocolmo.** Lisboa: Editora da Universidade Federal do Pará (ed.ufpa). Belém y Fundação José Saramago, 2013.
- SARAMAGO, José. **História do Cerco de Lisboa.** Lisboa: Porto Editora, 2014.